

A CIDADE ARCAICA

Luis Alberto Brandão Santos
UFMG

RESUMO

Há muitos pontos comuns entre o pensamento modernizador que fundamentou a concepção e a construção de Brasília e as opções estéticas que alicerçam a obra de João Cabral de Melo Neto. Nos seus poemas sobre Brasília, é possível constatar tanto o endosso do caráter utópico do projeto de modernização quanto uma visão crítica dos riscos desse projeto. Nas cidades poéticas de João Cabral, diferentes graus da tensão moderno/arcaico são esboçados e avaliados.

PALAVRAS - CHAVE

modernidade, poesia contemporânea, João Cabral de Melo Neto, Brasília

Há duas associações inevitáveis quando se discute a questão da modernidade. Uma delas é a que estabelece um vínculo íntimo entre modernidade e cultura urbana. O homem moderno estaria representado, de maneira exemplar, pelo habitante das grandes cidades, testemunha de um novo conjunto de referências concretas e simbólicas que vai se constituindo a partir da segunda metade do século XIX, e que tem em Baudelaire seu primeiro grande cronista. O típico cidadão moderno seria o homem das multidões, cuja identidade se erige a partir da própria dissipação, cuja individualidade exacerbada contraditoriamente pressupõe o anonimato e a despersonalização:

O apaixonado pela vida universal entra na multidão como se isso lhe aparecesse como um reservatório de eletricidade. Pode-se igualmente compará-lo a um espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. É um *eu* insaciável do *não-eu*, que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia.¹

A segunda associação caracteriza a modernidade como um gesto de ruptura com a tradição, de recusa do passado como modelo para o presente e para o futuro. Modernização seria sinônimo de inovação, elaboração de um projeto autônomo

¹ BAUDELAIRE. *Sobre a modernidade*, p.21.

em relação àquilo que foi herdado. Projeto que, em função de uma lógica autofágica, requer um movimento constante de negação de si próprio. Na formulação precisa e paradoxal de Octavio Paz, o moderno se constitui como “tradição da ruptura”.²

Na equação que aproxima modernidade e cultura urbana, a arquitetura ocupa um lugar privilegiado. Se a grande cidade é o espaço por excelência da modernidade, a arquitetura enquanto arte de conceber e organizar os cenários urbanos seria tipicamente moderna. Tal definição, no entanto, revela-se problemática quando se pensa da perspectiva da segunda associação. Há, na arquitetura, um inevitável sentido de *edificação* — de perenidade, portanto. Isso faz com que o espaço da cidade, com suas construções sólidas e duráveis, seja um empecilho para o desejo de ruptura radical com a cristalização das heranças culturais. O arquiteto moderno não pode apagar completamente as referências do passado que caracterizam uma cidade antiga: há obrigatoriedade de diálogo com a tradição. Seu gesto modernizador deve se contentar com a possibilidade de uma interferência na paisagem urbana constituída.

Existe, entretanto, uma alternativa para que o arquiteto não seja apenas um *transformador* de cenários — transformação que pressupõe uma negociação com o passado. Ele pode ser um autêntico *criador*: para isso, é necessário *fundar* uma cidade inteira. Pode-se pensar, assim, que o surgimento das cidades totalmente planejadas atende ao desejo de radicalização do projeto da modernidade, exatamente por ser a cidade o espaço onde o moderno parece ser mais irrecusável e irreversível. Expandindo-se em direção a todos os espaços sociais — privados e públicos —, a arquitetura moderna assume plenamente sua condição de urbanismo. Uma cidade como Brasília é, nesse sentido, emblemática, cidade-modelo do gesto de uma modernização levada a seu extremo.

POÉTICA ARQUITETURAL

Há muitos pontos comuns entre o pensamento modernizador que fundamentou a concepção e a construção de Brasília e as opções estéticas que alicerçam a obra de João Cabral de Melo Neto. Pode-se citar, como algumas das linhas mestras da poética cabralina, a busca de racionalidade concretista, o planejamento minucioso das formas cuja autonomia é perseguida, em detrimento do subjetivismo e da ornamentação, a recusa da tradição vigente através da adoção de uma postura que considera crítica e criação como operações indissociáveis. Sobretudo, há o fascínio pela possibilidade de transplantar, para a poesia, o caráter construtivista da arquitetura. O próprio João Cabral enfatiza a grande influência exercida por nomes como Lincoln Pizzie, arquiteto, Joaquim Cardozo, calculista de Brasília e de outros projetos de Niemeyer e, fundamentalmente, Le Corbusier:

² PAZ. *Os filhos do barro*, p.17.

“Para mim, a poesia é uma construção, como uma casa. Isso eu aprendi com Le Corbusier. A poesia é uma composição. Quando digo composição, quero dizer uma coisa construída, planejada — de fora para dentro”.³

A eleição da concretude do “fora” como vetor determinante do processo poético equivale à recusa do império da subjetividade sustentado pela força da tradição romântica. Trata-se, assim, de esvaziar o “dentro” para que a poesia se construa a partir de um território vazio. De maneira similar ao movimento de quem almeja “edificar do nada” uma cidade,⁴ como ocorre com o urbanista moderno, o gesto do poeta é o gesto daqueles que “têm um vazio a preencher”.⁵

Através da identificação entre poeta e arquiteto, constata-se, na obra de João Cabral de Melo Neto, o endosso do caráter utópico — tipicamente modernista — que está na base da concepção de Brasília. Tal concepção é marcada pela grandiloqüência das intenções, pelo “caráter monumental” do empreendimento. Nas palavras de Lúcio Costa: “monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa”.⁶ Autoconsciência e racionalidade utópicas que ecoam com nitidez em versos como os do poema “Fábula de um arquiteto”.⁷

O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.

Notável em João Cabral é que o fato de endossar o potencial utópico vislumbrado na ação do arquiteto não pressupõe o abandono de uma visão crítica dos riscos dessa ação. No mesmo poema, chama-se atenção para a hipótese de que a arquitetura possa vir a “refechar o homem”:

Onde vãos de abrir, ele foi amurando
opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até refechar o homem: na capela útero,
com confortos de matriz, outra vez feto.

O ímpeto civilizador não abole a ameaça de retorno a um estágio primitivo. A lucidez obstinada pode se contaminar pela indolência sombria. A racionalidade não é necessariamente antídoto para o misticismo. A virilidade que abre pode se converter no introjetar feminino. O progresso descobre seu caráter regressivo.

³ MELO NETO. Considerações do poeta em vigília, p.21.

⁴ PEDROSA. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*, p.352.

⁵ MELO NETO. Considerações do poeta em vigília, p.21.

⁶ COSTA. Plano-piloto de Brasília, p.124-5.

⁷ MELO NETO. *Obra completa*, p.346.

Se compreendemos Brasília como uma espécie de absolutização do gesto modernista — o moderno levado a seu limiar —, encontramos nela um campo privilegiado para o reconhecimento das contradições de tal gesto. É na cidade mais tipicamente moderna que as dissonâncias do moderno se expõem na sua máxima intensidade. E a obra de João Cabral se alimenta dessas dissonâncias para propor uma reflexão a respeito do modo como se constitui a cultura brasileira. É possível detectar, acompanhando a perspectiva poética sugerida por suas imagens de Brasília, a principal linha que compõe um retrato crítico do Brasil:

No cimento duro, de aço e de cimento,
Brasília enxertou-se, e guarda vivo,
esse poroso quase carnal da alvenaria
da casa de fazenda do Brasil antigo.⁸

O que se realça é que nas pretensas concretude e coesão do projeto modernizador está infiltrada a porosidade resistente da tradição colonial como traço básico da cultura brasileira. Nos interstícios da sofisticação industrial urbana, os resíduos irremovíveis do primitivismo agrário e escravocrata. É verdade que, no Plano-Piloto, o próprio Lúcio Costa já se referira à construção de Brasília como um “ato desbravador, nos moldes da tradição colonial”.⁹ Tal afirmativa deveria, a princípio, soar estranha ao ímpeto de modernização — que se sustenta, obviamente, pela negação do passado. No entanto, quando se associa a ação de colonizar à de desbravar, cultiva-se uma visão heróica da colonização, o que corresponde a dizer que a colonização é pensada da perspectiva do colonizador. O desenho da aeronave — traçado básico de Brasília e reconstituição moderna da Cruz de Malta içada nas caravelas portuguesas — atualiza o ímpeto de expansão do mundo, de domínio de novos territórios. Gloriosa, a expansão acredita justificar-se por si mesma, por sua própria inexorabilidade.

O que se encontra na poesia de João Cabral de Melo Neto não é o apagamento da interface conflituosa colonizador-colonizado, mas, exatamente, a exploração de tal interface. Dessa maneira, é possível fazer vir à tona o caráter profundamente arcaizante do intuito modernizador. É possível enxergar Brasília como uma cidade arcaica, como a mais arcaica das cidades. Cidade onde os palácios são “casas-grandes”,¹⁰ sintetizando a repetição das estratégias de dominação do passado colonial.

No poema “À Brasília de Oscar Niemeyer”,¹¹ o “espraiamento da alma” visado pelo olho modernizador é viabilizado pela horizontalidade dos espaços. Contudo,

⁸ MELO NETO. *Obra completa*, p.347.

⁹ COSTA. Plano-piloto de Brasília, p.123.

¹⁰ MELO NETO. *Obra completa*, p.348.

¹¹ IBIDEM. p.399.

se o olho se lança a partir das novas edificações — que são “horizontais, escancaradas”, mas não deixam de ser “casas-grandes de engenho” —, as imagens por ele produzidas são marcadas por uma ambigüidade perversa, seja na indisfarçável retórica de seu tom nacionalista, seja no caráter impositivo de sua pretensão pedagógica:

Eis casas-grandes de engenho,
horizontais, escancaradas,
onde se existe em extensão
e a alma todoaberta se espraia.

Não se sabe é se o arquiteto
as quis símbolos ou ginástica:
símbolos do que chamou Vinícius
“imensos limites da pátria”

ou ginástica, para ensinar
quem for viver naquelas salas
um deixar-se, um deixar viver
de alma arejada, não fanática.

TEXTOS URBANOS

Intensamente marcada pela presença de espaços urbanos, a obra de João Cabral se oferece como rico veículo de estudo das relações entre literatura e realidade social. Em especial porque não se trata meramente de descrever ou representar cidades, mas de compor um mosaico de imaginários sociais. Para o poeta-arquiteto, que é também um poeta-viajante, o espaço social jamais é totalmente opaco, jamais se oferece apenas como um livro já escrito, de leitura predeterminada. Todo texto urbano é passível de interferência por parte de quem o vivencia — um texto continuamente reescrito. O espaço social também não é puramente transparente, como uma folha de papel em branco, um texto não-escrito, submetido aos caprichos aleatórios da subjetividade de quem o observa. Para Cabral, existem condicionadores inegáveis dos mecanismos que regem as dinâmicas sociais. Sobretudo na literatura latino-americana, a realidade é “pesada demais”¹² para não ser preponderante.

Enquanto poeta-viajante, João Cabral trafega por inúmeras imagens de cidade. Percorre as cidades viris, como Brasília, que traduzem o desejo de potência do projeto moderno — desejo que tende a ser totalitário, como já percebera Clarice Lispector em texto de 1962: “A construção de Brasília: a de um Estado totalitário”.¹³ Passa pela cidade-memória, representada fundamentalmente por Recife, que é, também, a cidade-miséria. Chega às cidades femininas, como Sevilha, que

¹² MELO NETO. *Obra completa*, p. 793.

¹³ LISPECTOR. *Visão do esplendor*, p. 10.

possibilitam ao poeta a construção de uma mitologia pessoal de cidade. Essas e muitas outras cidades compõem, ao longo da obra de João Cabral, uma trajetória de recusas e escolhas, gestos de fascínio e de denúncia, reflexões sobre arranjos alternativos de espacialidades coletivas humanas.

Esboçando e avaliando diferentes graus da tensão moderno/arcaico, o poeta revela, através de visões urbanas, seus posicionamentos críticos. Arquitetando um itinerário poético, vai disseminando seus ideais de cidade — ou seja, de formulações possíveis da relação entre homem e espaço social.



ABSTRACT

The aesthetic choices of João Cabral de Melo Neto's poetic work have many things in common with the modernizing thought that is on the basis of Brasília's conception and building. In his poems concerning Brasília, one identifies the endorsement of the modernization project utopian dimension, as well as a critical view of its risks. In João Cabral's poetic cities, different degrees of the modern/archaic tension are drawn and judged.

KEY-WORDS

modernity, contemporary poetry, João Cabral de Melo Neto, Brasília

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- COSTA, Lúcio. Plano-Piloto de Brasília. In: SILVA, Ernesto. *História de Brasília*. Brasília: Coordenada, 1971.
- LISPECTOR, Clarice. *Visão do esplendor*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- MELO NETO, João Cabral de. Considerações do poeta em vigília. *Cadernos de literatura brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n.1, mar. 1996. Entrevista.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PEDROSA, Mário. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo: Perspectiva, 1984.